

VOZES DOS ALUNOS

BERNICE E. CULLINAN(ed) - Children's voices: talk in the classroom
Newark (Del): IRA, 1993, 94 p.

No Brasil infelizmente ainda prevalecem nas salas de aula atitudes e tecnologias de ensino que praticamente inviabilizam ou esteriotipam as possibilidades do aluno falar em sala de aula. Neste sentido, é particularmente relevante dispor e difundir trabalhos como o de Cullinan aqui enfocado.

Cullinan é uma pesquisadora educacional de mérito reconhecido internacionalmente e que para organizar o presente livro contou com a colaboração de especialistas vinculados a várias universidades dos EEUU, os quais estão cientes de que as chamadas artes da linguagem (ler, escrever, falar e ouvir) estão interligadas e que uma ajuda a construir a outra e juntas reforçam a aprendizagem. Na interface destas artes é relevante falar sobre livros, ouvir e contar histórias e dramatizar as cenas favoritas.

O prefácio é assinado por Huck que lembra a importância da mãe ler sistematicamente histórias para seus filhos, pelo menos a partir do 8º mês de vida da criança, bem como de recorrer às histórias lidas como tema de suas conversas com as crianças. Na Introdução Cullinan relembra os seguintes princípios: os estudantes aprendem falando; falar ajuda a esclarecer as idéias; falar ajuda a compreensão; falar diante de um grupo desenvolve a confiança; a fala abre uma janela para o pensamento do aluno. Lembra também que os adultos podem ajudar o desenvolvimento da linguagem da criança ouvindo-a atentamente, usando o que ela diz como base da conversação, selecionando e liberando suas mensagens de acordo com a capacidade de compreensão da criança mas de modo que ela própria elabore sua interpretação.

A obra é constituída por cinco capítulos; um índice de citações, outro de autores de livros infantis e um terceiro de livro para crianças. No primeiro capítulo Fitzgerald apresenta o estudo da literatura como meio para enriquecimento da linguagem oral, lembrando que os corais ainda podem ser instrumentos úteis neste contexto. Discussão sobre a literatura e resenhas de livros feitos oralmente em classe individualmente ou em grupo - também são instrumentos úteis para desenvolvimento da verbalização. Entretanto, a dramatização de obras literárias parece ser o veículo de desenvolvimento do comportamento oral por excelência. Em 1965, um educador inglês, Wilkinson cunhou o neologismo **oracy** ou **oracidade** pelo qual se compreende a aquisição da capacidade geral de usar as habilidades de ouvir e falar, em analogia à alfabetização. É preciso estudar e pesquisar como as estratégias referidas atuam no desenvolvimento pretendido.

Barton enfoca uma velha estratégia de contar história mostrando que em termos educacionais ela é muito preciosa, sendo seu ponto crucial a escolha do material. Embora haja uma bibliografia relativamente recente e farta sobre a matéria como evidencia em seu capítulo, também fica implícita a carência de pesquisas. As mesmas considerações feitas em relação ao conteúdo deste capítulo se aplicam ao seguinte que leva a assinatura de Sebesta que enfoca a representação e a discussão do drama em sala de aula.

A mesma matéria é retomada por Wollman-Bonilla porém vista do ângulo do aluno destacando que o falar precisa transformar-se em um instrumento de aprendizagem e que a discussão sobre literatura é um bom caminho para isto, conforme apoiam as informações disponíveis na área e traz muitos benefícios ao aluno.

Ressurgem fortalecidos os círculos literários que no século passado e começo deste tiveram um papel social e cultural relevantes. Short e Klassen enfocam os efeitos destes grupos no comportamento das crianças e jovens. Descrevem a adesão, os tipos de círculos, sua organização, sua ação, os aspectos multiculturais envolvidos.

O livro é voltado predominantemente para o professor, mas implícita em cada capítulo está a necessidade de pesquisas de avaliação e de validação dos procedimentos seguidos. Cabe aos pesquisadores desenrolar os muitos fios que estão emaranhados, freqüentemente não evidenciando as diferenças entre o saber científico

e o saber de bom-senso que muitas vezes se transveste ocultando uma pseudociência.

A grande maioria das sugestões apresentadas são conhecidas mas muito pouco usadas nas escolas brasileiras. Além disso, quando postas em prática não são aplicadas de forma sistemática nem avaliadas adequadamente. Mais ainda, considerando a variedade cultural é necessário conduzir pesquisas cuidadosas para analisar o efeito e a eficiência de tais procedimentos para o desenvolvimento da verbalização entre estudantes brasileiros.

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP